



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Erika Janaina Avelino Diniz

Entre o literal e o implícito: equívocos de interpretação em conversas nas redes sociais

Orientador: Prof. Dra. Maria Leonor Maia dos Santos

João Pessoa, Paraíba

Junho, 2018

ERIKA JANAINA AVELINO DINIZ

**ENTRE O LITERAL E O IMPLÍCITO: EQUÍVOCOS DE INTERPRETAÇÃO EM
CONVERSAS NAS REDES SOCIAIS**

Trabalho apresentado ao curso de Letras –
Língua Portuguesa, da Universidade Federal
da Paraíba (UFPB), como requisito para a
obtenção do grau de Licenciatura em Letras,
habilitação em Língua Portuguesa.

**Orientadora: Prof. Dra. Maria Leonor Maia
dos Santos**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D585e Diniz, Erika Janaina Avelino.

Entre o literal e o implícito: equívocos de interpretação em conversas nas redes sociais / Erika Janaina Avelino Diniz. - João Pessoa, 2018.
35 f.

Orientação: Maria Leonor Maia dos Santos Santos.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Pragmática linguística, polidez, implicaturas. I. Santos, Maria Leonor Maia dos Santos. II. Título.

UFPB/CCHLA

ERIKA JANAINA AVELINO DINIZ

**ENTRE O LITERAL E O IMPLÍCITO: EQUÍVOCOS DE INTERPRETAÇÃO EM
CONVERSAS NAS REDES SOCIAIS**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Português.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a Maria Leonor Maia dos Santos

Orientadora (UFPB)

Prof^a. Dr^a Juliene Ribeiro Alves Pedrosa

Examinadora (UFPB)

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena

Examinador (UFPB)

Prof^a. Dr^a Magdiel Medeiros Aragão Neto

Suplente (UFPB)

*Não é para mim esse negócio
De ser imutável
Eu quero é transitar
Entre meus descaminhos
Me transformar
Reconhecer os meus instintos
Tô me desconstruindo
Eu sou um universo
Se expandindo.*

Ryane Leão
(*Onde jazz o meu coração*, 2017)

RESUMO

Neste trabalho analisamos seis trechos de conversas retirados de interações online, sendo três do WhatasApp, dois do Facebook e um de um site de jornal. Todos eles apresentam pelo menos um exemplo de equívoco de interpretação ou desentendimento por falha na interpretação de implícitos. Com o apoio teórico do Princípio da Cooperação e das Implicaturas Conversacionais, de Grice, e a Polidez linguística de Brown e Levinson, buscamos descrever o que poderia ter causado os equívocos e os conflitos, e analisar a resolução do conflito, se houve.

Palavras – chave: Pragmática linguística, polidez, implicaturas, redes sociais.

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Fundamentação teórica	10
2. Metodologia	14
3. Entre o literal e o implícito	15
Considerações finais	32
Referências	33

INTRODUÇÃO

A linguística, que tem como objeto de estudo e foco a língua, está sempre se reinventando com o passar dos anos, posto que a própria língua, assim como a sociedade e o homem, passa por mudanças. Um exemplo disso seria pensarmos que não somos mais adeptos de algumas comunicações escritas, como a carta ou o telegrama. Tomando seus lugares, surgiram os aplicativos e as redes sociais, que deixam nossa troca de informações mais rápida e prática. E essa forma de comunicação e suas peculiaridades faz com que os estudos acerca das diversas formas de utilização da língua sejam cada vez mais aprimorados, justamente para estarem acompanhando essas transformações recorrentes.

Na interação linguística, há a utilização dos implícitos como um auxílio nas possíveis dificuldades que podem surgir ao nos expressarmos em determinadas situações. O medo de possíveis julgamentos posteriores leva-nos a criar diversas maneiras para “mascarar” nossas reais intenções e o que estamos pensando de verdade. A vida em sociedade requer tato e certos cuidados quando queremos passar uma mensagem, pois esta pode acabar sendo a causa de diversos conflitos. Por isso, é importante captar os implícitos presentes em nossas interações, sejam estas verbais ou escritas. Mas como podemos garantir que o recado será entregue e compreendido com sucesso pelo nosso interlocutor? Falar com clareza seria, primeiramente, a principal solução que nos viria à mente. Mas quando esse interlocutor é alguém que se encontra do outro lado de uma tela, em um aplicativo de mensagens instantâneas e essa mensagem será visualizada, e não ouvida? Em interações assim, alguns elementos importantes de uma conversa face a face ficam excluídos, como timbre de voz, expressões faciais, direção do olhar ou mudança de assunto, por exemplo, o que aumenta a probabilidade de mal-entendidos pela não captação do implícito que se tinha intenção de transmitir.

Por ser algo revolucionário que diz respeito tanto a rapidez quanto a praticidade de uso, tais aplicativos de mensagens instantâneas vêm sendo utilizados em larga escala, tanto em círculos sociais como nos meios profissionais, os famosos “grupos de trabalho”. E, conseqüentemente, por se tratar de um diálogo a longa distância e escrito, como já foi dito anteriormente, isto pode ser um gerador de diversos conflitos cotidianos. Uma frase, uma palavra e até mesmo a falta de uma resposta podem ser o estopim de embaraços que poderiam ser evitados se nos atentássemos para o detalhe de que o interlocutor não

tem acesso aos nossos pensamentos. E mesmo ressaltando esse detalhe óbvio, comumente optamos por fazer uso, em nossos discursos virtuais, de alguns efeitos expressivos que dependeriam de mais pistas para serem percebidos, como por exemplo, a ironia. Como resultado, em certos diálogos existe, inclusive, a necessidade de perguntarmos ao interlocutor se ele está sendo irônico ou não, já que o tom de voz ou o olhar não estão disponíveis para tirar a dúvida. Este é apenas um entre tantos outros exemplos de conflitos que podem ser vistos ou lidos diariamente em interações em que o meio de comunicação é uma rede social, onde cada um pode se expor de forma direta e ser respondido da mesma forma, seja publicamente, como no Facebook, YouTube e Instagram ou em aplicativos de mensagens instantâneas de modo mais privado, como o Whatsapp.

Neste trabalho, teremos a análise de algumas situações de interação em redes sociais em que os implícitos não foram captados por um dos participantes da forma pretendida pelo outro, e isso foi o gerador de um conflito ou embaraço. A partir da observação desses exemplos, iremos analisar as possíveis causas linguísticas do conflito em questão, como por exemplo, vocábulos que abram diversas possibilidades de interpretação mediante o contexto, assim como a falta de colaboração dos que recebem essa mensagem. Desta forma, queremos perceber como a difusão dessas redes sociais desempenhando o papel de facilitador nessas interações pode, em algumas ocasiões, contribuir para que situações de embaraço ocorram, de forma consciente ou não, e como esse tipo de recurso virtual minimiza os facilitadores que temos naturalmente em conversas face a face.

Sendo assim, nosso objetivo, especificamente, é analisar alguns exemplos onde ocorrem falhas no entendimento de mensagens, de modo que as diversas possibilidades que ocasionaram o equívoco sejam consideradas. Desta forma, é importante entendermos através dos esclarecimentos desses equívocos, quais mecanismos linguísticos foram negligenciados nas referidas situações, ou quais palavras ou frases desempenharam um papel ambíguo no embaraço em questão. Para auxiliar essa compreensão, optamos por utilizar como base teórica, primeiramente, o estudo do filósofo Paul Grice (1975) e o que ele apresenta sobre as Implicaturas Conversacionais e o Princípio da Cooperação, bem como a apresentação das Implicaturas devida a Steven Pinker (2008), que ampliou nossa visão acerca das tais Implicaturas, possibilitando-nos ter uma perspectiva mais abrangente sobre elas. É importante ressaltar que esses

diálogos virtuais semeiam de forma bastante recorrente a quebra das máximas conversacionais. Vamos considerar também a Teoria da Polidez, desenvolvida por Brown e Levinson (1979), contemplando as tentativas de preservação das aparências entre falante e ouvinte. Não menos importante, também faremos uso da apresentação devida a Fraçoise Armengaud (2006) do sentido literal em oposição ao sentido comunicado nas sentenças, dos Atos de Fala e da Polidez. Por fim, apoiaremos-nos também em Catherine Kerbrat-Orecchioni (2006), que analisa os diversos recursos linguísticos necessários em conversas face-a-face e nos permite observar como a ausência destes recursos afeta consideravelmente a compreensão em diálogos que ocorrem através das mídias digitais.

Além desta Introdução, temos um capítulo de fundamentação teórica, em que apresentamos de maneira breve as perspectivas teóricas utilizadas, seguido de um panorama sobre o método de análise dos exemplos. No quarto capítulo, apresentamos a análise das interações recolhidas nas redes sociais. Seguem-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para nos auxiliar em nossa análise, primeiramente, utilizamos como leitura o estudo feito pelo filósofo Paul H. Grice no fim de 1960, que foi o precursor das teorias da conversação. Tal estudo é imprescindível para que possamos compreender um dos objetos da pragmática, denominado Implicaturas Conversacionais. Este estudo nos diz, em termos práticos que, para uma conversa ser desenvolvida de maneira efetiva, os falantes devem seguir algumas regras chamadas por Grice de máximas, que, por sua vez, estão divididas em categorias: quantidade, qualidade, modo e relevância. Quando ocorre o desrespeito de uma ou mais regras, consideramos que houve uma violação dessas máximas. Grice ainda ressalta que, em nossos diálogos, comumente utilizamos de insinuações para passar uma mensagem que poderia ser transmitida de forma direta. Desta forma, chegamos à polidez, recurso este utilizado para polir ou mascarar a forma com que nos expressamos. Ele nos diz que “as pessoas tendem a destinar certos tipos de polidez a certos tipos de ameaças.” (GRICE, 1982, p. 86) Outro recurso linguístico citado por Grice pelo qual, comumente, optamos por utilizar em detrimento à forma direta de discurso, é a ironia. Tal recurso é bastante comum em redes sociais como forma de interação entre seus usuários, seja de forma bem-humorada ou para ressaltar algum sentimento mais hostil. Grice fala acerca da ironia como algo que utilizamos em nossa fala quando temos certeza que o ouvinte saberá que não estamos usando o sentido literal, mas sim, o sentido subentendido.

Ampliando o estudo realizado por Grice sobre a polidez e as diversas formas que utilizamos para nos expressarmos de forma mais delicada, citaremos também o trabalho realizado por Penélope Brown e Stephen Levinson (1987) acerca dos atos de proteção e ameaça à face, que seria a ação de cancelar determinadas interpretações captadas pelo locutor e/ou interlocutor com o objetivo de evitar embaraços, situações de conflito ou desentendimentos, como no exemplo a seguir:

João: Olá, Pedro. Vamos para à praia hoje?

Pedro: Oi, João. Não gostaria de ir à praia com você hoje...

João: Por quê, aconteceu alguma coisa e você está chateado comigo?

- Pedro: hahaha não, cara! Estou com a coluna me matando e seria uma péssima companhia para você. Só iria reclamar de dor!
- João: Ah, agora entendi! Desejo que você fique bem, amigo.

No exemplo citado acima, percebemos que houve um rápido percalço entre o convite, a recusa e o esclarecimento do motivo dessa recusa. João, imediatamente, entendeu que para ter seu convite rejeitado, algo aconteceu para que Pedro o rejeitasse. Quer isso tenha acontecido ou não, Pedro optou por cancelar essa implicatura e afirmou estar com uma dor nas costas e, por esse motivo, não iria para à praia com o amigo. Assim como Pedro, João também havia adotado uma medida de proteção, no momento em que indagou se havia algum motivo para Pedro estar chateado com ele, João. Tais falas podem ser classificadas como atos de proteção à face.

Brown e Levinson categorizaram a face como positiva, que seria a necessidade de aprovação, ou seja, a utilização de agradecimentos ou elogios, por exemplo. E há também a face negativa, que é uma ameaça territorial e de autonomia, podendo ser exemplificada como uma oferta ou promessa, onde quem as emite torna-se suscetível a lesar seu território (apud KERBRAT-ORECCHIONI, 1943, p. 78). Eles também afirmam que o Princípio da Cooperação de Grice faz parte dessa preservação das aparências, entendendo que o locutor deve ou deveria prever e antecipar os anseios e expectativas do interlocutor em questão.

O filósofo Paul H. Grice, assim como Levinson e Brown são fundamentais no estudo realizado por Pinker (2008), que desenvolve um capítulo intitulado “Os jogos que as pessoas fazem”, descrevendo os diversos recursos que as pessoas utilizam em seu dia a dia para evitar situações conflituosas. Ele nos apresenta diversas situações em que as máximas, propostas por Grice, não são respeitadas, assim como também exemplificando situações em que, propositalmente, o falante deixa lacunas para que a mensagem seja interpretada de forma ambígua ou vaga, evitando, assim, um possível constrangimento. Deste modo, algumas formas de transmitir o que precisamos dizer deve respeitar algumas “normas” para que isso ocorra da melhor forma a preservar nossos relacionamentos e nossa vida em sociedade. Pinker apresenta em seu capítulo diversas situações nas quais utilizamos a língua para sair de e entrar em situações conflituosas, como a escolha de palavras ambíguas que podem nos oferecer uma saída, caso uma das interpretações nos deixe em situação embaraçosa. Ele também nos

apresenta o que seria a “Ignorância racional”, onde o ouvinte “prefere não saber” quais são as intenções na fala utilizada pelo locutor (PINKER, 2008, p. 477). Mesmo assim, existem também situações em que o contexto e as palavras utilizadas não nos permitem cancelar o que foi dito anteriormente, o que é denominado por Pinker de “negação não tão plausível” (PINKER, 2008, p. 479).

Pinker também descreve alguns cenários que influenciam no resultado favorável de uma conversa, incluindo o ambiente virtual, foco do nosso trabalho. Ele fala de modo positivo acerca do uso desse tipo de recurso entre os falantes por atribuir “precisão” e o que seria um número menor de “perdas” ao transmitir uma mensagem, fazendo com que esta chegasse de forma mais clara e objetiva em seu destinatário final (PINKER, 2008, p. 471).

Optamos também pela Análise da Conversação, de Catherine Kerbrat-Orecchioni (2006), que analisa de forma detalhada, diversos aspectos de uma conversa e como estes influenciam no desenvolvimento destes diálogos. Elementos estes como ambiente, participantes, hora e situações podem influenciar de maneira direta a forma como a interação irá se desenvolver, incluindo o uso da polidez, que tem como função “preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal”. Além disso, utilizamos para um melhor entendimento a compreensão do que seria a ameaça ou proteção à face, que, de acordo com Brown e Levinson, pode ser colocada em duas categorias, a negativa e positiva. A negativa, denominada por Goffman em sua análise de “territórios do eu”. E a positiva, que diz respeito ao narcisismo e a valorização de si mesmo. Orecchioni ainda nos diz que, em qualquer interação que compõe dois participantes, serão dispostas quatro faces, onde serão realizados determinado número de atos, verbais e não verbais, que poderão constituir como “ameaças potenciais para uma e/ou para outra dessas quatro faces”.

Outrossim, também observaremos o estudo feito por Françoise Armengaud (2006) acerca do sentido literal e o sentido comunicado, que nos fala sobre situações em que utilizamos determinados itens lexicais para afirmar algo que não está exposto de forma direta em nosso discurso, ou seja, são dois sentidos distintos. Armengaud também utiliza as Teorias de Implicatura de Grice para fundamentar seu estudo, ampliando nosso entendimento do que seria um discurso que se modifica mediante o contexto apresentado.

É importante ressaltar que consideramos que a interação linguística é realmente uma interação, e que as percepções, interpretações, memórias, modos de falar, expectativas e certezas dos falantes vão se alterando reciprocamente no desenrolar da interação. Mesmo assim, neste texto, para não repetir as palavras “interação” e “interlocutor” excessivamente, usamos, como se fossem igualmente adequados, os termos “locutor”, “interlocutor”, “falante”, “ouvinte”, “emissor”, “receptor”, e “participante da conversa”.

3. METODOLOGIA

Uma vez que o objetivo do trabalho é a compreensão através da análise das diversas possibilidades que levaram aos equívocos no entendimento, buscamos exemplos que tivessem essas características. Seleccionamos seis trechos de interações reais onde ocorreram percalços na interpretação pela falha na captação de implícitos. As conversas de onde foram retiradas as passagens aconteceram por intermédio do aplicativo WhatsApp, bem como em páginas na rede social Facebook e no site do jornal Folha de São Paulo. Na transcrição das conversas coletadas no WhatsApp, especificamente, utilizamos nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes. Na transcrição das conversas retiradas do Facebook e do site do jornal, por outro lado, isso não foi necessário, visto que os participantes podem escolher revelar seus nomes ou preservar as informações pessoais. Iremos observar quais palavras e expressões foram escolhidas pelo locutor e quais não foram compreendidas pelo interlocutor, de modo que entenderemos se houve ou não cooperação entre ambas as partes no envio e recepção nesses diálogos. Em relação ao WhatsApp, as situações ocorreram em diálogos entre pessoas que têm uma interação social frequente, e podemos perceber que os locutores utilizaram as máximas de interação citadas por Grice, acreditando que os receptores das mensagens entenderiam da forma esperada o que se queria dizer. Durante a análise, iremos destacar onde e como as situações de conflito foram iniciadas, e serão destacadas as palavras ou frases que não foram corretamente compreendidas pelo receptor da mensagem. É claro que “corretamente” aqui não é uma questão de norma gramatical ou regras de boa conduta social, mas de adequação ao esperado pelo falante. Quisemos abordar de uma forma ampla o equívoco na interpretação, bem como buscar compreender como o modo de falar pode ter contribuído com o equívoco. Consideramos também a não cooperação dos ouvintes e dos próprios falantes dentro do diálogo na captação e emissão desses implícitos.

Desta forma, poderemos compreender também se o locutor exagerou na confiança depositada no receptor para compreendê-lo ou se as palavras escolhidas no diálogo dão margem para múltiplas interpretações. Por conseguinte, também devemos considerar um fator importante na análise, já mencionado anteriormente, que os participantes da conversa pelas redes sociais não contam recursos primordiais de uma conversa face a

face, que poderiam auxiliar na compreensão da mensagem em questão, como feições do rosto, gestos, conhecimento sobre o espaço onde a conversa ocorre e sobre o assunto debatido e, não menos importante, o tom de voz.

4. ENTRE O LITERAL E O IMPLÍCITO

Neste capítulo, faremos a análise dos exemplos coletados em conversas de WhatsApp, Facebook e no jornal Folha de São Paulo. Realizamos as transcrições de cada caso tal qual ocorreram na situação de interação em questão. O estudo que faremos de cada caso consistirá na compreensão das possíveis causas que levaram ao conflito em questão. Primeiramente, analisaremos os termos e expressões escolhidos por cada participante e como essa escolha interferiu nas inferências e interpretações dentro do contexto de diálogo. Em seguida, aplicaremos os conceitos já apresentados na fundamentação teórica para promover a compreensão das falhas de comunicação, bem como sugerir maneiras como tais falhas poderiam ter sido evitadas. Cada exemplo será analisado individualmente, e, ao final, teremos uma apreciação geral.

4.1 Os equívocos

EXEMPLO 1: Uma conversa de WhatsApp entre duas amigas, Marina e Julia (nomes fictícios), em que Marina faz um convite e Julia o rejeita. Observaremos, em especial, a interpretação de duas expressões (“0800” e “dixculpa aí”), e o surgimento de uma ambiguidade na conversa, resolvida por Marina.

MARINA: Vou dançar em um evento em cabedelo

0800

Bora?

Coreografias*

JULIA: Eita.. que massa. Queria

Mas dou aula sim

E depois vou encontrar com Débora.

MARINA: Ah, dixculpa aí

JULIA: Oxe

Pq?

MARINA: Nada, tô lesando

JULIA: Ah

Kkkkkk

Podemos observar, no exemplo 1, que Marina convida Julia para um evento, utilizando o termo “0800” para descrevê-lo. O termo escolhido para descrever o evento pode gerar várias interpretações. A princípio, podemos supor que Marina tenha escolhido uma maneira mais informal para dar ênfase ao evento como gratuito, ou que simplesmente não lembrou de outro termo no momento da conversa. Para o caso de a escolha ter sido a ênfase na gratuidade do evento, escolhendo a expressão “0800”, isto poderia facilitar a aceitação do convite, caso Julia estivesse com pouco dinheiro. Por outro lado, é de se considerar que Marina tenha optado pela informalidade na escolha do termo, e, ao seu ver, utilizar a palavra “grátis” poderia soar como algo esnobe, considerando o contexto do WhatsApp e a forma de interação. Podemos entender essa manifestação linguística como recurso de polidez, mais precisamente, a polidez negativa, uma vez que Marina protege a face do seu interlocutor, cancelando o implícito que poderia ter sido captado por Julia inicialmente. A polidez negativa apresenta os chamados “procedimentos substitutivos”, que consistem em fazer uma troca dos termos usuais por termos mais indiretos como forma de preservação em determinadas situações. Deste modo, podemos entender que, para não parecer esnobe em seu convite, Marina poderia ter optado por substituir a palavra “grátis” por algo que soasse mais suave à amiga Julia. Assim, Marina estaria possivelmente tentando cancelar dois implícitos: que ela pensaria que Julia estava sem dinheiro, por um lado, e que ela, Marina, seria linguisticamente esnobe e não usaria o tom informal adequado à interação por meio do WhatsApp.

Em resposta, Julia avisa que terá dois compromissos. Primeiramente, irá dar aula nesse horário e depois irá encontrar com outra amiga que a convidara primeiro para sair. Fazendo isso, Julia rejeitou o convite, o que é uma situação de ameaça à face de ambas, já que Marina foi rejeitada e Julia pode parecer agressiva, mesmo tendo dado uma justificativa. Marina, então, escolhe a expressão “dixculpa a!” para responder à rejeição de

seu convite. A troca das letras na palavra “desculpa” pode ter induzido Julia a pensar que a sua amiga ficou aborrecida com a rejeição, pois, em algumas situações, esta expressão é utilizada de forma irônica para revelar um sentimento de mágoa ou ressentimento. Além disso, esse termo tem uma função ambígua, podendo soar de diferentes maneiras, a depender do contexto que for utilizado. Por exemplo, em algumas situações, utilizar “dixculpa aí” pode soar como uma exaltação do ego do ouvinte. Dentro do contexto em questão entre Marina e Julia, essa interpretação da expressão não deve ser considerada. Para justificar como ela não se aplica ao exemplo em análise, vejamos um exemplo de um diálogo fictício em que a expressão “dixculpa aí” é escolhida como forma de exaltação do ego do ouvinte:

João acaba de adquirir um carro novo e de valor bastante elevado. Ele leva o carro para mostrar ao seu amigo Pedro.

JOÃO: Olha, Pedro. Recebi meu pagamento e consegui comprar esse carro. Estou muito feliz!

PEDRO: Nossa, logo esse carro caríssimo? Dixculpa aí, hein? Você está muito chique!

JOÃO: Hahahaha que nada! Mas foi bem caro mesmo hehe

Há também a possibilidade de uso da expressão “Dixculpa aí” como exaltação do ego de forma amistosa do próprio locutor do diálogo, como uma forma de proximidade entre os amigos. Vejamos o exemplo à seguir:

JOÃO: Pedro, recebi meu pagamento e comprei essa moto zero km. Dixculpa aí, hein? hahaha

PEDRO: Que coisa boa, João! Fico feliz por você. Vamos marcar de passear nele depois?

JOÃO: Claro que sim! Vamos combinar.

A resposta que Julia escolhe demonstra que ela não entende o motivo da suposta insatisfação da sua colega com a rejeição do convite. Podemos notar a dúvida de Júlia quando ela usa “oxe”, que indica um espanto e, em seguida, a indagação do motivo.

Supomos que essa reação também revela um caso de ameaça à face, porque a fala de Marina pode ter soado ameaçadora para Julia, fazendo com que ela reagisse de modo defensivo ao responder ao termo ambíguo (“dixculpa”). Ora, se Julia não estivesse temerosa com o possível desagrado pela rejeição do convite, ela poderia ter escolhido a interpretação amistosa da expressão “dixculpa”, sabendo que caberia dentro da situação. Mas há o agravante: Julia acaba de recusar um convite e pode ter, com isso, ameaçado a face de Marina, o que também deixa Julia numa posição delicada na situação.

O esclarecimento desse conflito vem logo a seguir, quando Marina responde “Nada, tô lesando”, indicando duas possibilidades. A primeira, que Marina realmente tinha sido mal compreendida e, imediatamente, esclarece a situação, indicando que apenas utilizou o humor na expressão escolhida (“dixculpa”) para responder a rejeição do convite. Mas podemos considerar também uma segunda opção, onde Marina realmente ficou aborrecida por ter seu convite negado, e, ao observar, pela utilização do “oxe”, a possível insatisfação de Júlia com o “dixculpa”, teve a oportunidade de cancelar esse implícito e optar pela interpretação mais amigável, que seria a primeira, ou seja, a escolha do bom humor para reagir à recusa do convite. Ao final, a expressão escolhida, “lesando”, funcionou como um apaziguador da situação, e foi entendida como um ponto final para o mal-entendido entre as duas, provavelmente por ser uma expressão muito informal e indicadora da amizade e proximidade entre elas. Ou seja, a escolha de “lesando” pode ter caracterizado um reforço da polidez positiva, num movimento de aproximação, de identificação entre as amigas.

EXEMPLO 2: Uma conversa de WhatsApp entre duas amigas, onde Meredith rejeita o convite de Cristina (nomes fictícios) para passar a noite de réveillon com ela. Meredith entende que Cristina não reagiu bem à sua negação pelo uso da expressão “querida”.

CRISTINA: Sabia..vc só podia ter falado que queria ir pra lá pronto desde o início. ..

Inclusive todo mundo já tinha percebido isso, tanto que nem comentei mais de você ir pro Mussulo comigo e voltar praí, fui convencer Helder a ir

MEREDITH: Mulher, não tô afim de brigar. Sério mesmo. Tô tentando escolher a melhor opção pra mim e da mesma forma quero o mesmo pra vocês. Você sabe que pra uma pessoa

solteira, ficar no meio de outros casais logo no réveillon é demais. Só o que eu quero é virar o ano de boa, sem atrito.

CRISTINA: Ngm está brigando, querida! Respira aí!

Vejamos que, novamente, a situação de conflito gira em torno de um convite, e Cristina acreditava que Meredith fosse comemorar o réveillon no mesmo lugar que ela. Contudo, quando ocorre o esclarecimento de que isso não irá acontecer, podemos observar a reação de Cristina a uma resposta pela qual não estava esperando. As falas “Sabia” e “vc só podia ter falado q queria ir pra lá pronto desde o início” nos permitem supor uma possível insatisfação com a rejeição do convite. Diante dessa possibilidade, podemos considerar que Cristina realmente ficou aborrecida, mas ela não diz que foi pela rejeição do convite, e sim porque Meredith não informou que gostaria de ir para outro lugar. Meredith, por sua vez, entende a frustração de Cristina e, imediatamente, responde à mensagem com “Mulher, não tô afim de brigar. Sério mesmo.”, possivelmente para encerrar o conflito que se iniciou. Logo depois, inicia a explicação do porquê não ter escolhido a opção de passar o réveillon com o Cristina e seus amigos, quando, por fim, é confrontada com a resposta dela, que diz: “ninguém está briga2ndo, querida!” “respira aí”. Pelo modo agressivo de Cristina e Meredith nessa situação de conflito, consideramos que as duas têm uma relação de proximidade, visto que Cristina falou de maneira direta que não havia gostado de saber somente naquele momento que Meredith não passaria o réveillon com ela. Não podemos saber claramente se algum outro conflito anterior deixou a situação em questão mais delicada do que deveria.

Interpretando a situação, podemos considerar duas possibilidades. A primeira, de que Cristina iniciou uma discussão por ter seu convite negado por Meredith e, após ser confrontada com a resposta de Meredith, afirma que não gostaria de entrar em uma discussão com ela. Supomos, então, que Cristina fez a tentativa de cancelamento do implícito, negando que estaria querendo brigar. Em seguida, utiliza a expressão “querida”, abrindo margem para a possibilidade 2, de que ela realmente não estaria na intenção de gerar um conflito, como fora mencionado por Meredith. Podemos presumir que a relação entre as duas é de proximidade, posto que há um tom bastante agressivo nesta passagem. Ou seja, elas são próximas ao ponto de serem honestas e revelarem suas frustrações. Cristina acreditava que teria a companhia de Meredith no réveillon, e a revelação de que isso não iria acontecer gera a situação em questão. Notemos também

que a reação igualmente agressiva de Meredith para tentar evitar que a discussão fosse adiante poderia ter sido diferente, pois ela imediatamente assume a inferência de que Cristina realmente tinha a intenção de brigar. Se considerarmos a possibilidade de que Cristina realmente não tinha essa intenção, Meredith não fez uma inferência adequada aos propósitos de Cristina.

Neste exemplo, poderemos entender o uso de “querida” como um caso de “benevolência fictícia”, ou seja, quando ocorre de o indivíduo utilizar “falsos apelidos” para dirigir-se aos seus interlocutores, possivelmente utilizando da ironia para ressaltar uma insatisfação ao receber uma resposta que não esperava. Isso porque, dada as circunstâncias do conflito, a forma de tratamento “querida” não caberia, em seu sentido literal de alguém a quem se quer bem, em meio a uma situação de tensão. Esse termo, por outro lado, é usualmente escolhido e utilizado de forma pejorativa em discussões para fazer referência a alguém por quem se tem desprezo ou impaciência. Podemos notar também que as duas participantes abandonam a proteção à face adotada geralmente para preservar as relações de possíveis situações de embaraço. Também não é adotado nenhum tipo de polidez ao exprimir a insatisfação mediante uma situação de frustração, nem para evitar a continuidade do desentendimento.

EXEMPLO 3: Um diálogo de WhatsApp entre os amigos Luna e Leonardo (nomes fictícios), onde Leonardo inicia uma conversa cumprimentando Luna, que responde com uma saudação (“boa tarde”). Leonardo acha que há algo de errado em sua resposta, mas Luna esclarece o mal-entendido.

LEONARDO: Oi

LUNA: Boa tarde!

LEONARDO: Eita

Tá brava

LUNA: Com o quê?

LEONARDO: Pareceu seu boa tarde

Mas viajei

LUNA: Hehe estou de buenas

Tudo bem?

Nessa conversação, podemos observar novamente um caso de ameaça à face. Leonardo inicia uma conversa com Luna. Ele a cumprimenta e ela responde com uma saudação bastante comum, “Boa tarde!”. Leonardo interpreta tal escolha de resposta como um indício de que Luna poderia estar insatisfeita com alguma coisa e, de imediato, responde de uma forma que deixa claro para sua interlocutora que ele percebeu esta suposta insatisfação, dizendo “Eita” e “Tá brava”. O que, para qualquer pessoa que leia este diálogo sem estar inserido em um possível contexto anterior que justifique o pensamento de Leonardo, parece desconexo, posto que um simples “Boa tarde” não poderia, a princípio, significar consistentemente que algo estaria errado, um possível sentimento de raiva.

Podemos atribuir diversas explicações apenas com essa pequena situação vista no diálogo acima. Observemos, primeiramente, que Leonardo reagiu de forma defensiva para indicar que, embora Luna tivesse escolhido palavras comuns para responder, este tipo de saudação não seria comum quando iniciam uma conversa. Isso nos permite supor uma proximidade entre os dois. Além disso, ele imediatamente reagiu à forma como foi saudado por Luna. Leonardo opta por não amenizar a situação, sem dar margem para a dúvida: ele indica que interpretou que ela estava brava, e que a responsabilidade por algo estar errado na interação entre os dois é de Luna, pois ela é quem está respondendo contrariada. Por outro lado, Luna poderia estar em uma outra ocupação, resolvendo algum problema, conversando com outras pessoas e isto fez com que ela fosse mais sucinta em sua resposta. Seu “boa tarde!” não necessariamente exprimiria um sentimento de raiva ou reserva. Podemos, então, supor que Leonardo optou por explorar o nível de relacionamento entre os dois para supor um sentimento de raiva e falou diretamente o que pensava, inclusive agindo de modo grosseiro ao afirmar algo que não tinha certeza. Ele poderia ter sido mais sutil ao indagar Luna sobre estar ou não chateada, com perguntas como: “Você está ocupada?” ou “Estou lhe incomodando?”. Também é possível considerarmos que Leonardo agiu por um sentimento de culpa; ele de fato havia feito algo, e o comportamento de Luna colaborou para que Leonardo confirmasse que fez algo de errado.

Contudo, Luna opta por cancelar a inferência de Leonardo, perguntando: “Com o que?”, indicando que não entendeu o porquê de ele ter pensando que ela poderia estar desapontada com alguma coisa. Ora, podemos admitir que Luna, assim como Leonardo, pode ter escolhido por também proteger a sua face de uma possível discussão, caso ela respondesse de maneira afirmativa para a inferência que, de fato, estaria com raiva de alguma coisa. Dessa forma, ela escolheu ser mais amena em sua resposta, evitando assim um conflito entre os dois. Leonardo, então, afirma que a maneira pela qual ela respondera a seu cumprimento havia indicado que ela poderia estar chateada com algo – possivelmente por não ser uma resposta usual. Ele diz “pareceu seu boa tarde” “mas viajei”, aceitando que se equivocou ao fazer a inferência de que algo que não tinha certeza. Luna, por fim, confirma respondendo de maneira bem-humorada “hehe estou de buenas”. A escolha dos termos “hehe” e “buenas” nos permite supor que ela pode ter escolhido tais expressões para reduzir a tensão na conversa, mesmo que, a princípio, Luna tivesse mesmo tido a intenção de indicar que maneira indireta de que algo não ia bem na relação dos dois.

Existem diversos aspectos que podem influenciar em um diálogo para que ele termine bem ou malsucedido. Uma conversa através de texto em uma rede social priva os seus participantes de visualizarem as expressões faciais, como sorrisos, indícios de raiva ou tristeza, ou gestos e posturas corporais que ambos desenvolvem no decorrer da conversa. Também limita que os participantes ouçam o tom de voz emitido, que pode mudar completamente o sentido de um diálogo. O WhatsApp possui a ferramenta de compartilhamento de áudio, porém esse recurso não foi utilizado na conversa, o que poderia ter mudado toda a situação. Desse modo, um simples “Boa tarde!” pode soar amistoso como também agressivo, dada as circunstâncias. Ao inferir que Luna estava com raiva, Leonardo empregou um tipo de raciocínio denominado, em Pragmática, de abdução. Numa abdução, chegamos a uma conclusão que nos parece a melhor, dado o que sabemos, mas tal inferência pode ser invalidada, caso surjam novas informações. Digamos que Leonardo, por abdução, atribuiu a Luna um sentimento de raiva porque isso lhe parecia adequado, dado o modo como ela respondeu “Boa tarde!”. Essa forma de raciocínio pode ser cancelada, como aconteceu na situação descrita acima

EXEMPLO 4: A página do Estadão (o jornal O Estado de São Paulo) vincula no Facebook uma notícia com a seguinte manchete: “Junior Lima mostra o rosto do filho Otto pela primeira vez.”. No espaço reservado para os comentários sobre a notícia, alguns leitores fazem comentários sobre a manchete, usando a ironia para se referirem à relevância de tal informação.

DAVID BORBA: “Quem me garante que é Otto? Ele está influenciando o gênero do rapaz... deveria deixar a criança escolher seu gênero, HIPROCITA.

CRIS BOURNIER: Como pude viver até hoje sem ver o rosto do filho do junior? Kkkkkkkk ele já não é nada e o filho é nadinha.

OSVALDO BARBOSA: Vai até chover no Brasil todo, talvez pode ate acontecer um terremoto com essa noticia...hum...

GOULART SILVA: Agora o Brasil vai pra frente com esta bela notícia, era o que faltava para tudo se ajeitar

No exemplo 4, os comentários foram retirados de uma publicação da página do Estadão no Facebook onde os leitores têm espaço aberto para escrever comentários sobre notícias que são compartilhadas. Tal espaço foi utilizado por alguns leitores que, insatisfeitos com o conteúdo da notícia publicada, emitiram alguns comentários a respeito da relevância dessa notícia. O primeiro leitor, David Borba, comenta sobre a identidade de gênero da criança. Podemos fazer dois tipos de leitura para esse comentário. Primeiramente, podemos supor que o leitor realmente acredita que Junior Lima está influenciando no gênero do filho ao escolher um nome masculino para ele. Porém, também podemos considerar que ele foi irônico, e fez uma crítica ao público que apoia a liberdade de escolha no que diz respeito ao gênero. Ao dizer que a criança deveria escolher seu gênero, ele é talvez exagerado e talvez irrelevante, pois, obviamente, tal criança ainda não possui discernimento para fazer tal opção, e tal comentário não parece ter nada a ver com a notícia. Essa hipótese da utilização da ironia ganha maior ênfase quando percebemos que alguns leitores responderam ao comentário de David com *emojis* que expressam o humor na recepção do comentário, fazendo-nos supor que tais leitores captaram o implícito desejado (um emoji, ou emoticon, é um pequeno desenho ou sequência de caracteres que convencionalmente indicam uma atitude ou estado de espírito).

O segundo leitor, Cris Bournier, utiliza a ironia e seu exagero de modo mais evidente, perguntando-se como pôde ter vivido até aquele momento sem ainda ter visto o rosto do Otto, filho do Junior. Esse exagero escolhido por Cris nos permite supor que ele optou pela ironia com um tom de humor para realizar uma crítica quanto à relevância da notícia em questão. Podemos perceber a utilização desse mesmo recurso nos comentários dos outros dois leitores, Osvaldo Barbosa e Goulart Silva. O primeiro, relatando que fenômenos da natureza irão acontecer depois da publicação dessa notícia. Já o segundo, falando que a atual situação do Brasil irá melhorar permanentemente depois da veiculação dessa notícia. Os dois comentários geraram respostas de outros leitores, que reagiram com *emoji* demonstrando estarem achando o comentário engraçado, mostrando-nos que captaram o suposto tom de humor utilizado pelos leitores.

Ora, primeiramente, podemos considerar alguns fatores como “gatilhos” para determinados tipos de comentários que, ao que pudemos perceber mais acima, nos permite supor o uso da ironia e o humor para criticar a relevância da notícia publicada pela página Estadão. As páginas de notícias na rede social Facebook não permitem que exista a publicação de notícias organizadas por categorias, fazendo com que os usuários tenham acesso a todas as notícias, mesmo aquelas que não são de seu interesse. Diferentemente, nos sites, tais publicações são encontradas em seções, onde o leitor pode optar por somente ler aquelas que forem de sua vontade. Sendo assim, podemos compreender a suposta insatisfação por parte de alguns leitores que não têm interesse em acessar notícias de entretenimento.

Desse modo, a escolha da ironia pelos usuários para comentar a notícia nos permite perceber algumas formas peculiares de escrita quando há a presença desse recurso linguístico. Grice nos diz que o ouvinte tem convicção de que os ouvintes entenderão quando o locutor utilizar tal recurso, pois “tal proposição deve ser obviamente relacionada com o que parece estar dizendo e a proposição mais obviamente relacionada é a contraditória da que ele parece estar dizendo” (GRICE, 1982, p. 96)

EXEMPLO 5: A página da Folha de São Paulo compartilha uma notícia com a manchete: “Astronautas levam *spinner* para o universo, veja o que acontece.” (Um spinner é um pequeno brinquedo com três pás, posto a girar geralmente sobre a ponta do dedo.) No espaço destinado aos comentários sobre a notícia, um leitor se mostra insatisfeito com o

conteúdo publicado pela página e escreve uma crítica utilizando a ironia para ilustrar seu descontentamento. Porém, todos os leitores que respondem ao seu comentário se mostram favoráveis à publicação, discordando da crítica desferida pelo leitor insatisfeito.

COMENTÁRIO DO LEITOR

André Prestes: Nossa que bom...agora a corrupção vai acabar, os milhões de desempregados vão dormir tranquilos, a economia vai melhorar...tudo graças a essa notícia bombástica que não afeta nem um mínimo a vida de ninguém.

COMENTÁRIOS DOS LEITORES SOBRE O COMENTÁRIO ACIMA

FELIPE CAMPOS: Parabéns, você é chato

JONATHAN DIAS: Que idiota!

ANDRÉ PORTO: Até parece que se eles ficarem postando o dia todo notícias sobre corrupção ela vai acabar

LEO MARTINS: Desde quando fake tem direito de opinar sobre qualquer coisa? Tem nem coragem de mostrar o rosto e quer vir ter moral.

BRUNO FENÓLIO: Apaga que dá tempo!

Podemos perceber nesse exemplo que o André Prestes não se sentiu satisfeito com o conteúdo publicado pela página de notícias, reforçando isso com os exageros característicos da ironia, como visto no exemplo 4. Ele inicia seu comentário mencionando de maneira exagerada os possíveis benefícios que a divulgação da informação causará, como o fim da corrupção e do desemprego. Porém, ao final, ele relata o que supomos que verdadeiramente seria sua intenção com o comentário, que é a afirmação de que para ele, a notícia não “afeta a vida de ninguém”. Como já visto anteriormente, Grice nos diz que, ao utilizarmos a ironia como ferramenta de uso na língua, temos a certeza de que, mesmo não usando o sentido literal, nosso interlocutor irá captar a mensagem preterida pelas pistas comuns a esse recurso, como a maneira exagerada ao escolher as palavras. E André faz exatamente isso, ao referir-se à notícia como uma causa para o fim da corrupção e do desemprego.

Contudo, diferentemente do exemplo 4, não há uma boa aceitação por parte dos outros leitores em relação ao comentário irônico de André Prestes. Dois leitores comentam de maneira ofensiva, referindo ao leitor como “chato” e “idiota”. Abaixo desses comentários, o leitor André Porto afirma que, mesmo que as páginas de notícias só veiculassem informações sobre corrupção, este não seria motivo para seu fim. Todos os comentários - até o momento em que esse exemplo foi captado – sobre a opinião de André Prestes com relação à irrelevância da notícia foram negativos. Supondo que o leitor utilizou a ironia para garantir uma aceitação dos demais leitores sobre sua opinião acerca da notícia, percebemos que o objetivo não foi atingido.

Ora, se considerarmos que o Facebook (no exemplo 4) não permite que as notícias circuladas pelas páginas dos jornais sejam divididas por categorias nem que os leitores optem por não receber certas categorias, vemos que o exemplo 5 diverge por completo do exemplo 4. No exemplo 5, por outro lado, a interação acontece no site do próprio jornal (A Folha de São Paulo) e o leitor pode escolher ler apenas as notícias que sejam do seu interesse. Assim, o comentário de André Prestes pode ter sido mais agressivo para os demais leitores da notícia do que o comentário de David Borba foi no exemplo 4, já que, para comentar a notícia do spinner levado ao espaço, André Prestes seguiu a notícia voluntariamente, mesmo sem gostar do assunto revelado pela manchete. E se nós, como falantes, temos a pretensão de sermos aceitos e evitar situações de embaraço, inclusive utilizando ferramentas como a ironia, como André Prestes, nessa situação em particular, ele teve essa pretensão frustrada.

EXEMPLO 6: Em uma página do Facebook denominada Quebrando o Tabu, é veiculada a notícia “Jovem estudante de moda cria loja para moradores de rua em Florianópolis”. A leitora Irena de Almeida comenta a notícia, utilizando a ironia. Sua intenção não foi captada por vários leitores, o que gerou uma discussão nos comentários.

COMENTÁRIO DA LEITORA

IRENA DE ALMEIDA: Experiência de compra...devolver um pouco de dignidade, sensação de fazer parte da sociedade novamente, fazer estas pessoas esquecerem, nem

nem contra, aliás nem posso opinar pois não vivo em SP pra sentir o progresso ou regresso na pele. Mas, desacredito bastante nos marqueteiros rs

ANA CLAUDIA SIMAS: Esta ironia pode ser interpretada de 2 formas. O texto é confuso sim.

No exemplo 6, podemos perceber que, em suas palavras iniciais, Irena parece estar elogiando o projeto desenvolvido pela estudante de moda. Ela descreve a iniciativa como uma “experiência de compra”, inclusive que devolve a dignidade das pessoas por permitirem que estas se sintam incluídas na sociedade novamente através desse projeto”. Porém, ao final das suas declarações positivas, ela faz uma comparação desse projeto com outro desenvolvido pelo prefeito da cidade de São Paulo, dizendo: “mesma vibe da ração humana do João Doria”. Esse projeto, denominado “Alimento para Todos”, consiste em incluir um composto alimentar chamado farinata na merenda escolar da rede municipal. Essa medida recebeu uma enxurrada de críticas de diversos lados, tanto da população em geral como da imprensa, inclusive ganhando o apelido irônico de “ração humana”. Depois do comparativo dos dois projetos, Irena adiciona a palavra “RISOS” ao final, fazendo-nos supor que ela estaria usando a ironia em sua comparação. Partindo desse pressuposto, o comentário de Irena nos permite supor que ela não concorda com a proposta do prefeito de São Paulo, e na tentativa de enaltecer a iniciativa da estudante de moda, usou o comparativo entre os dois e a ironia para expressar sua opinião. Por outro lado, se lermos apenas o final do comentário de Irena, podemos interpretar que ela estaria comparando os dois projetos como forma de criticar ambos, afirmando que são equivalentes.

A partir disto, houve comentários considerando uma ou outra das interpretações. No primeiro, a leitora Stéphanie questiona Irena se ela leu acerca do projeto, se pôde acompanhar de perto os benefícios trazidos por tal iniciativa, e em seguida, pergunta se ela desenvolveu algo melhor para poder criticar, pedindo até para ela se calar. O segundo comentário segue a mesma interpretação, acreditando que Irena comentou de forma negativa o projeto da estudante de moda. Já Carla Nunes questiona se Irena não estaria sendo irônica, seguida por Laís Maneghetti que considera que Irena teve a intenção de enaltecer o projeto da estudante de moda, utilizando a comparação para criticar o projeto do prefeito João Doria. Logo depois, a própria Irena vem a confirmar sua ironia nos

comentários, afirmando que utilizou a expressão “RISOS” para destacar que estava sendo irônica ao citar o projeto desenvolvido pelo prefeito. Porém, apesar do esclarecimento sobre o implícito, Rodrigo Moraes afirma a seguir que Irena não tinha aprovado a atitude da estudante em realizar o brechó beneficente, assim como não tinha apoiado a ideia do prefeito em seu projeto envolvendo as merendas escolares. Uma vez mais, Irena afirma que havia aprovado a ideia do brechó e confirma que realmente havia criticado João Doria, porém, somente a ele. Rodrigo Moraes surge novamente, afirmando que nesse momento entendeu a intenção de Irena, e explica que a forma como ela usara a ironia para criticar João Doria pareceu uma crítica também ao projeto da estudante de moda. Em outro comentário, a leitora Ana Claudia Simas afirma que o comentário de Irena nos permite supor duas interpretações, ficando ambíguo.

Sendo assim, podemos supor que, ao redigir seu comentário sobre a atitude da estudante de moda de Santa Catarina, Irena acreditou que deixou clara a sua intenção de enaltecer o projeto do brechó beneficente, visto que, por várias vezes ela emite elogios. Dessa forma, podemos deduzir que ela acreditou que, ao citar o projeto denominado pela população e pela mídia de “ração humana”, criado pelo prefeito de São Paulo João Doria, ficaria clara também o modo como esta citação foi uma referência irônica, e não uma forma de desprestigiar a atitude da estudante de moda. Mesmo com tantos indícios, considerados por Irena como suficientes para o correto entendimento da sua intenção em emitir o comentário, alguns leitores não conseguiram captar tal intenção, ocorrendo assim a má interpretação da ironia em questão. Podemos considerar como possíveis indícios usados por Irena, primeiramente, a formalidade ao falar do projeto desenvolvido pela estudante de moda, usando adjetivos para enaltecer o ato. Logo depois, ao referir-se ao projeto do prefeito de São Paulo, a leitora informaliza a linguagem, utilizando a palavra “vibe” (que significa energia, vibração). Em seguida, adiciona a palavra “RISOS”, complementando a sua intenção de crítica. Ainda assim, esses elementos não foram considerados como satisfatórios para que o implícito fosse captado, causando assim um conflito.

Deste modo, podemos considerar as possibilidades que, dadas as circunstâncias, colaboraram para que o comentário emitido por Irena não fosse compreendido pelos leitores da matéria em questão. Primeiramente, consideramos o meio pelo qual houve a interação entre os participantes dos comentários. O referido cenário onde ocorreu o conflito foi em uma página da rede social Facebook, onde não há contato face a face

entre os indivíduos, o qual permitia a captação de outros indícios mais evidentes emitidos por Irena ao proferir seu comentário, como os gestos que consistem em um excelente indicador de como o falante se porta quando passa a mensagem; a postura e as atitudes ao passar essa mensagem; o tom de voz ao emitir a mensagem, como indicador de serenidade ou bom humor ao dizer o que pretende. A partir disso, consideramos como fator determinante as limitações que temos em nossos discursos ao utilizar as mídias digitais, posto que este recurso elimina diversas possibilidades de facilitar o entendimento. Por outro lado, devemos considerar que, diferentemente dos exemplos 1, 2 e 3, retirados do WhatsApp, em que os indivíduos envolvidos tinham um vínculo em comum de proximidade, o exemplo 6 foi retirado de uma página na rede social Facebook, e que as pessoas envolvidas no conflito não eram próximas, fazendo como que a situação de ameaça à face seja menos relevante, pois não existe uma relação pessoal a se preservar.

4.2 Alguns padrões

Pela análise dos exemplos, podemos ver como a interação linguística pode gerar situações pelas quais não esperávamos. Isso porque, ao passarmos uma mensagem, temos em mente que ela chegará ao nosso ouvinte com aquele implícito que idealizamos ao escolher as palavras para formulá-la, e isso nem sempre acontece. Por outro lado, também existem ocasiões em que utilizamos subterfúgios em nossas palavras para evitarmos situações de embaraço.

Observamos no primeiro exemplo que as participantes do diálogo usaram algumas palavras que abriam mais de uma possibilidade de interpretação, como a expressão “dixculpa aí”. Nem mesmo a familiaridade entre os interlocutores é suficiente, em algumas situações, para que exista compreensão plena do que está implícito. E se, intimamente, realmente houve um sentimento de raiva, esse implícito foi cancelado. É natural que em nossas relações sociais tentemos evitar situações de conflito e embaraço. A linguagem nos dá essa possibilidade. E esse tipo de situação ocorrida no primeiro exemplo é semelhante ao terceiro exemplo. Se a intenção de Luna era sinalizar que havia algo de errado na relação com Leonardo, ela decide não levar esse implícito adiante, cancelando-o e dando a entender que estava tudo bem entre os dois.

Contudo, não é sempre que a opção de manter o bom humor é a escolhida. Podemos perceber isso no segundo exemplo, onde a pacificidade não é o que predomina. Meredith e Cristina escolhem expressões que soam como uma insatisfação com a escolha das atitudes de uma com a outra e, mesmo na hora da suposta tentativa de cancelamento do implícito, isso não é feito da maneira mais polida. Esse tipo de hostilidade também é visto, principalmente, em interações nas redes sociais como o Facebook, que foi o cenário dos conflitos apresentados nos exemplos 4 e 6, e nos comentários dos leitores do jornal Folha de São Paulo. Esses espaços abrem a possibilidade de interação entre pessoas que têm pouca ou nenhuma proximidade. Sendo assim, a preocupação em evitar algum conflito diminui, pois esses usuários, muitas vezes, não possuem um relacionamento além das redes sociais ou nem mesmo nelas. E percebemos essa situação no exemplo 5, onde os leitores não são colaborativos com o comentário irônico de André Prestes sobre a relevância da notícia, usando até xingamentos para referirem-se a ele. Vimos também que isso não é regra, haja visto que David Borba, do exemplo 4, também fez uso da ironia para comentar a relevância da publicação de uma notícia de entretenimento. Seu comentário é bem recebido pelos leitores, e alguns usam o humor e piadas para interagir com o comentário irônico. Já no exemplo 6, o elogio de Irena ao projeto da designer de moda foi bastante questionado pelos outros leitores. Inclusive, até mesmo depois de cancelar o implícito sugerido por alguns, de que ela havia feito uma crítica ao projeto, outros leitores surgiram e comentaram que as palavras usadas estavam ambíguas.

A interpretação destes exemplos não se esgota aqui. Não analisamos várias ironias presentes neles, nem muitos dos implícitos possíveis. Supomos, mesmo assim, que algumas generalizações, como estas que acabamos de fazer, sejam pertinentes para a descrição dos equívocos que verificamos.

6. Considerações Finais

Vimos, neste trabalho, seis exemplos de interações retiradas de redes sociais e de um site de jornal. Nessas interações, analisamos o surgimento de equívocos de interpretação, quando a reação linguística dos participantes dava a entender que algo não havia sido interpretado como pretendido, ou alguém sinalizava a dúvida para interpretar o que o outro havia dito. Esses equívocos foram falhas na interpretação dos implícitos, e não na interpretação literal. Tentamos mostrar, para cada caso, pelo menos um motivo plausível para o equívoco, fosse uma palavra ambígua, ou a falta de informações que permitissem a inferência da intenção comunicativa de quem falava.

Resumidamente, podemos destacar a ambiguidade das expressões muito informais, como “0800” ou “dixculpa aí”, que podem sinalizar proximidade, ou, ao contrário, atitude de crítica, e que precisam de mais informações para serem interpretadas. Na falta das pistas para atribuir uma interpretação, a presença de expressões assim pode funcionar como ameaça à face dos interlocutores e dar origem a situações de tensão e embaraço. Também uma expressão banal e corriqueira como “Boa tarde!”, recebida por um interlocutor que espera ser tratado com muita informalidade, pode dar origem a embaraços e dificuldades de interpretação.

A ironia, nas interações em redes sociais (e nos comentários do jornal) pode ser difícil de interpretar, e gerar também situações embaraçosas, com a necessidade de explicações e às vezes insultos.

Visto isto, é evidente que a língua nos proporciona infinitas possibilidades de escolha quando vamos transmitir uma mensagem. Escolher uma expressão pode ser um gerador de múltiplas fontes de interpretação. Então, devemos entender que a escolha das redes sociais como mediadora das nossas interações nos traz diversas limitações que não existem numa interação face a face.

7. Referências

ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**; tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BROWN, P., e Levinson, S.C. 1987a. "Introduction to the reissue: A review of recent work: Em **Politeness: Some universals in language use**. Nova York: Cambridge University Press.

GRICE, H. Paul. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org). **Pragmática – problemas, críticas, perspectivas da linguística** – bibliografia. Campinas: edição do autor, 1982.

KERBRAT-ORECHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**; tradução Carlos Piovenazi Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana** / Steven Pinker; tradução Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. **Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas**/Roberta Pires de Oliveira, Renato Miguel Basso. – 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2014.